

PINHEIRO, Marília P. Futre; Morgan, J. R. (eds.), *Literary memory and new voices in the ancient novel*, Groningen, Barkhuis & Groningen University Library, 2020, 157 pp. ISBN: 978-94-9319-446-6

A International Conference on the Ancient Novel (ICAN IV), que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian, de 21 a 26 de julho de 2008, deu origem à publicação de diversas coletâneas de estudos sobre o romance antigo, nas mais diversas e prestigiadas editoras internacionais, e, embora este seja um dos últimos volumes, nem por isso foi menos exigente e criterioso na seleção e aperfeiçoamento das comunicações que lhe deram origem.

A coletânea contém tantos méritos que a limitação de caracteres desta recensão os não permite referir exaustivamente: retenho, em todo o caso, a justificação apresentada por Morgan, que alega a esterilidade do debate em torno da distinção entre alusão e intertextualidade, para os editores terem optado pela expressão ‘literary memory’ no título do volume. No primeiro capítulo, escrito por Alain Billault e intitulado “Recognition in Greek novels”, chama a atenção, em contraste com a perspectiva de que o autor do romance sentimental gere adjuvantes, oponentes, raptos, *mimicae mortes*, naufrágios e reconhecimentos em função da extensão que quer dar à obra, sem que os referidos acontecimentos necessariamente concorram para o desenvolvimento psicológico dos protagonistas, a tomada de consciência da parte de autores e personagens da precariedade da condição humana e da confusão que rege a vida humana perante a incerteza da felicidade e a instabilidade do mundo.

Em ““Similar to Artemis or to the Golden Aphrodite”: Topoi of nuptial poetry and rhetoric in the Greek novel”, é de notar o corpus considerado por Cecilia Nobili, que inclui a *Odisseia*, os epitalâmios de Safo, o *Faetonte* de Eurípides, Teócrito, Luciano, Menandro Retor e Himério, a referência ao tradicional elogio de divindades como Eros e *Gamos*, ao tradicional elogio dos noivos, à importância paradigmática das bodas de Peleu e Tétis e à mediação sofisticada.

No capítulo intitulado “*Carpe diem, Carpe*: Horace, Petronius, and the satirical rhetoric of the novel”, Ilaria Marchesi nota a presença de elementos

do segundo livro dos *Sermones* de Horácio na *Cena* e da sequência de *Carmina* 1.11 – com os temas do rondar da morte e da inutilidade da astrologia e a conclusão gnômica sobre a necessidade de Leucónoe colher o dia (*carpe diem*) – em Petr. 34, 35 e 36, onde respetivamente Trimalquião reflete epigramaticamente sobre a morte, um recipiente exhibe os símbolos do zodíaco, e o novo-rico joga com o vocativo do nome *Carpus*, que é também a segunda p. do s. do imperat. pres. ativo de *carpere* ‘separar, trincar’. A investigadora nota o rebaixamento levado a cabo por Trimalquião, para o nível do corpo material e para o lado mais concreto da linguagem, das reflexões filosóficas do poeta satírico, bem como a inobservância por parte do novo-rico dos preceitos horacianos. Da articulação das ocorrências de *carpere* ‘cortar na casaca’ e de *notari* ‘ser censurado’ (trad. de Frederico Lourenço [2023]. *Horácio. Obra completa*. Lisboa, Quetzal, 325) em S. 1.3.21 e 24 com S. 1.4.81, onde Horácio recorre a *rodere* para reverberar a crítica destrutiva, e com Plínio, *Ep.* 1.9.5, onde o autor diz que à mesa dele ninguém *carpit* e que ele próprio se limita a repreender-se a si mesmo, conclui a investigadora que *carpe* chegou às *Satyrica* com conotações conviviais e eventualmente culinárias. Com base em S. 1.4.40-42 e 47-48, onde Horácio diz que, não fosse a métrica, o registo dele se aproximaria do comum, conclui a investigadora que o diálogo entre vozes social e culturalmente conotadas, presente sobretudo em S. 2 mas também na restante poesia hexamétrica de Horácio, constitui um precedente para a polifonia do romance, que pode compreender tudo, inclusivamente formas métricas.

O capítulo de Silvia Montiglio, “Callirhoe’s silenced dilemma (Chariton 6,7,13)”, realça, com perspicácia, o contraste entre a importância do *logismos*, da *tyche* ‘sorte’, do *drama* e dos *agones* psicológicos nos dilemas, tão caros a Eurípides, com que as personagens de Cáriton se confrontam nos livros 2 e 6 (Dionísio, Artaxerxes e Calíroë) e a influência iliádica no recurso à guerra e na aristeia de Quéreas para resolver militarmente a situação da amada deixada em suspenso; nota que o dilema de Calíroë em Cáriton 6, entre ceder ao desejo de Artaxerxes e deixar que Quéreas sofra represálias só se pode resolver, como o de Gíges relativamente à esposa de Candaules em Heródoto 1.11.2, com a morte da heroína e por isso o deixa em suspenso até à guerra em Egípcios e Persas; compara Quéreas, na impulsividade, a Aquiles; no modo como, pelas armas, se torna um homem adulto, a Diomedes; e, no recurso a embustes, a Odisseu; diz o pirata Téron, com os seus dilemas, a sua prudência, os seus enganos, o seu calculismo, a obsessão com o lucro, um arremedo de Ulisses.

O capítulo de Konstantin Doulamis, “Literary mimesis and amatory rhetoric in Xenophon of Ephesus”, tem muitos motivos de interesse, como a tradição e a presença da linguagem da persuasão retórica no episódio da paixão dos piratas Corimbo e Euxino respetivamente por Habrócomes e Ântia e a promessa dos primeiros de intercederem um pelo outro, as afinidades entre o discurso de Admeto à sua moribunda esposa Alceste em Eurípides, *Alc.* 363-4, e as palavras de Ântia em 3.6.5, que, convencida da morte de Habrócomes, lhe diz que vai ao seu encontro para serem felizes, ou entre as que Aquiles profere acerca do morto Pátroclo em *Il.* 22.387-390 e aquelas onde Quéreas, antes da tentativa de suicídio, promete nunca esquecer Calíroe, mas apreciei sobretudo a referência ao facto de, no período greco-romano, a relação entre Pátroclo e Aquiles ser considerada de natureza homossexual (pelas implicações que tem até na análise das *Satyrica*) e o facto de o autor justificar a ausência de citações em Xenofonte de Éfeso, não com falta de conhecimento ou de habilidade literária, mas com a superioridade, defendida por Demétrio, *Sobre o estilo* 112-13 e 150, e por Séneca, *Ep.* 84.3-10 de quem digere bem e discretamente ecoa as influências, e com o enredo ‘cinemático’.

Alguns dos capítulos sugeriram-me as seguintes reflexões, que, em nada, lhes beliscam o mérito: na pág. 18, n. 30, escreve Nobili: “In archaic literature *makar* and *makarizō* are normally associated with gods (see De Heer 1969); the only circumstances when they are applied to men are nuptial poems and contexts (Hom. *Od.* 6,158-159; ...)”. Em *Od.* 11.483, na descida ao Hades, Odisseu diz a Aquiles que homem algum foi ou será μακάρτερος ‘mais bem-aventurado’ do que ele, uma vez que em vida os Argivos lhe tinham concedido honras semelhantes às dadas aos deuses e na morte reina sobre os mortos. Ao confrontar a perspetiva da existência de um “divine cult of Achilles” com a de que se trataria de um “hero-cult similar in kind to the cults of other warriors pre-eminent in the *Iliad*” (p. 1), J. T. Hooker (1988. “The cults of Achilles.” *RhM* n.s. 131.1: 1-7) sustenta que “both the *Iliad* and the *Odyssey* depict Achilles as a mortal man” (p. 3), que os cultos dos heróis devem ter sido estabelecidos nos sécs. VIII e VII a.C. (p. 6) e que o de Aquiles tem muitas afinidades com o de Diomedes e diverge do de Hércules (p. 7).

A propósito do artigo de Marchesi, vale a pena notar que, apesar da reconhecida influência temática da sátira tradicional romana nas *Satyrica* de Petrónio (cf. jantar em casa de um novo-rico, Hor. *S.* 2.8; *heredipetae* ou *captatores*, Hor. *S.* 2.5), a verdade é que a sátira requer, no dizer de

Hegel, “princípios sólidos”, isto é, parece-me, uma parte construtiva clara, pois criticar tudo e cair em incoerências é não criticar nada. Depois de citar Hegel (pp. 1116-17), Michael von Albrecht ([1999]. *Historia de la literatura romana*, vol. II [trad. do alemão de Dulce Estefanía e Andrés Pociña Pérez]. Barcelona, Herder, 1117) conclui: “A diferencia de los satíricos romanos Petronio no ejerce explícitamente la crítica a las situaciones descritas; la exhortación filosófica le queda lejos”.

Quanto à comparação, feita por Montiglio, entre Téron e Ulisses, talvez valha a pena notar que nos poemas homéricos a pirataria não é liminarmente condenada, tanto mais que Odisseu, em *Od.* 9.39-40, se vangloria junto dos Feaces de, em Ísmaro, ter chacinado a população e saqueado a cidade. Da discrepância de valores entre o contexto homérico e o romano do séc. I d.C. decorre o recurso aos referidos versos para caraterizar Cláudio, em Séneca, *Apoc.* 5.4, como alguém que se comportou como um pirata relativamente a Roma.

PAULO S. M. FERREIRA

pmf@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH)
<https://orcid.org/0000-0003-4244-5625>